

## TRANSCRIÇÃO

## ANCHIETA E SÃO PAULO

Batista Pereira

O leitor atento das Cartas e Informações anchietanas sentirá logo que está versando um espírito de rara objetividade. Transbordaria dos limites deste ensaio um esborço crítico da sua obra. Pode-se, porém, ao menos, acentuar-lhe a amplidão, a variedade, a universalidade. Pena é que o múltiplo dos seus afazeres não lhe desse ensejo senão para informar os superiores. Que obra fundamental não nos poderia ele ter dado sobre os nossos índios ! De que ORGANUM PIRATININGANUM não disporíamos !

Que capacidade aristotélica a sua ! Abriu-nos todos os caminhos do conhecimento. Primeiro professor, primeiro gramático, primeiro poeta, primeiro cronista, primeiro naturalista, primeiro botânico, primeiro comediógrafo, primeiro estrategista de Piratininga, enciclopédia viva das nossas cousas, tudo versou com um cuidado em que transpira o carinho pela terra e pela gente.

O seu poder de observação denota-se a cada passo. Perguntai a qualquer homem culto qual a cobra mais venenosa. A escolha oscilará entre a cascavel, a jararaca, a urutu. A resposta já está nas cartas de Anchieta. Nenhuma das três: a coral, que passa por inofensiva, porque a falsa o é. Não há quem não a tenha visto, tão frequentemente. Mas a verdadeira ( *Micurus Liniscatus*, L. ) é felizmente raríssima. Nota que o índio mordido uma vez, mordido daí por diante não só não corre risco de vida como até sente menos dor. Coisa de nonada. Uma observação que contém em germe toda a teoria das inoculações preventivas e da soroterapia anti-ofídica. Quatro séculos de antecipação às observações desse admirável Instituto Butantã ! Ide a Ouro Preto e percorrei o seu riquíssimo Museu Mineralógico. Com espanto vereis numa vitrina a pedra maleável ( *arenarius flexilis* ) de tão ignorada existência. Mas se tivésseis lido Anchieta não teríeis surpresa. Lá a haveríeis encontrado.

Sua curiosidade enceleirava todos os dados fundamentais para o conhecimento. Erros tem. E muitos. Mas naquilo que não pôde controlar e que lhe davam de boa-fé por certo. Não merecem o desdém dos sábios, antes a admiração por serem tão poucos e esgotados por tantas visões do gênio. Depois na ciência o mínimo departamento é um universo. A vida de um homem é curta, às vezes, para classificar um infusório. Como evitar certos erros ? Não há ainda muita gente que pensa que a formiga come as folhas das plantas que leva para a toca ? Quantas vezes não mudou a caracterização dos ofícios venenosos ? Que se pensava da fecundação das abelhas antes de um cego ter descoberto o vôo nupcial ?

O que deve impressionar aos paulistas que leram Anchieta é que de sua obra inteira reçauma aquele “amor da terra sem o qual não se lhe dá nada de grande”.

Realmente. Não há onde se lhe ausculte melhor o coração do que nas passagens em que fala de São Paulo. Vede-o descrever a Santo Inácio a modesta casinha que com suas mãos ajudou a construir. Escreve-lhe em latim, a língua das cousas eternas. Marca-lhe as exíguas dimensões “quatordecim passus longa, decem lata”, quatorze passos de comprido por dez de largura. É uma simples medida. Sondai-lhe porém a inflexão. Não vos esqueça que é um Anchieta que fala a um Santo Inácio. O subconsciente de um é claro aos olhos iluminados do outro e dir-se-ia que ambos estão nos segredos do futuro. “Quatordecim passus longa, decem lata”. Parece a olhos deprevenidos que está apenas referindo as dimensões do casebre, “que serve a um tempo de escola, hospital, refeitório, cozinha, despensa e dormitório”. Não. O orgulho e o carinho por São Paulo, segredo da inflexão anterior, fulguram no comentário imediato: “Nosso Senhor também nasceu numa manjedoura entre dois animais”. Não há escritores, há almas. É só com a alma que se pode atingir a esse prodígio de intenção e energia.

Não encontrei em toda a obra de Anchieta, lida muitas vezes, a confirmação da profecia a que aludia o governador Antônio Paes de Sando: “São Paulo há de ser a metrópole do Brasil”. Talvez mesmo que só exista na tradição oral. Mas como ela se confirma nessa passagem que quer dizer: “São Paulo nasceu numa choça de palha como Cristo na manjedoura”. É um raio da estrela de Belém sobre o presepe de Piratininga. O Apóstolo que o trouxe bem adivinhava a missão militante de São Paulo contra a velha e nova gentildade.

Como ele amava São Paulo ! Ele que nunca se queixa, só uma vez parece a pique de infringir a regra que se impôs de receber com alegria todas as provações e desgostos. É num tópico em que fala dos frios rigorosíssimos da sua Piratininga. Quem o viu tantas vezes gabar-lhe os ares temperados e saudáveis não pode deixar de sorrir da ingênua contradição em que a falta de resistência física o vem colocar. E o comentário se impõe: “Coitado ! alquebrou-se tanto que não pode mais com o frio”. E foi só este, a meu ver, que o impediu de vir morrer na vila de seus amores.

Como ele amava São Paulo ! Compreende Tibiriçá e a altura da sua missão como ninguém. Desculpa-lhe os indomáveis impulsos atávicos. Esconde-lhe o nome ao referir-se à sacrficação de um prisioneiro, que haviam tentado inutilmente salvar. Sabe que o grande cacique será a pedra angular da catequese. Eleva-o tanto que o coloca à sua ilharga. E é só devido ao seu testemunho e ao seu esforço que se realiza a sagração da posteridade: ele, Anchieta, e ele, Tibiriçá, viverão juntos, séculos afora, como dois Dióscuros da fundação.

( **A Cidade de Anchieta**, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. 23, pp. 60 a 62. São Paulo, maio de 1936; repr. no volume **Baptista Pereira e São Paulo**, pp. 137 a 139. São Paulo, 1981. )

\*

\*

\*